



ESPAÇOS DOMÉSTICOS AUTOCONSTRUÍDOS: MODOS DE VIDA E MODOS DE HABITAR¹

**SOUZA, Maressa Fonseca e. (1); STEPHAN, Ítalo Itamar Caixeiro (2);
CARVALHO, Aline Werneck Barbosa de. (3)**

1. Universidade Federal de Viçosa. Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica. Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa – MG. / Centro Universitário de Viçosa. Curso de Arquitetura e Urbanismo. Av. Maria de Paula Santana, 3815 - Silvestre, Viçosa - MG
maressa.souza@ufv.br

2. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa - MG
italostephan@gmail.com

3. Universidade Federal de Viçosa. Departamento de Arquitetura e Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Avenida Peter Henry Rolfs, s/n - Campus Universitário, Viçosa – MG
alinewbc@gmail.com

RESUMO

Apresentamos os resultados de uma investigação que analisou como a conformação espacial de moradias autoconstruídas pela população de baixa renda reflete os modos de vida e modos de habitar de seus moradores e autoconstrutores. A investigação foi realizada em Viçosa–MG, em dois bairros caracterizados por condições precárias de infraestrutura e concentração de moradores com restrições socioeconômicas e em condições de vulnerabilidade social. A pesquisa de campo assumiu a forma de estudos de caso sobre as moradias autoconstruídas, utilizando procedimentos metodológicos correntes em avaliações pós-ocupação (APO): entrevistas semiestruturadas, passeios acompanhados (walkthroughs), mapas afetivos, levantamentos arquitetônicos e registros fotográficos. Não identificamos um padrão espacial nas moradias, contudo, existem aspectos comuns entre os casos estudados. Observamos referências ao modo de vida rural, existência de modos de vida e modos de habitar híbridos, realização de constantes reformas e ampliações, desenvolvimento de atividades produtivas e coabitação nos terrenos. Constatamos que os valores expressos na moradia são fortemente influenciados pelas condições socioeconômicas e que existem dificuldades técnicas nos processos de planejamento e construção das residências. Destacamos a necessidade de operacionalização da assistência técnica pública e gratuita para habitação de interesse social (ATHIS) visando melhorias nas condições dos ambientes residenciais e urbanos autoconstruídos.

Palavras-chave: Autoconstrução; Modos de vida; Modos de habitar; Modos de morar; Espaço doméstico.

¹ Informo que o artigo aqui submetido, apresentado no Fórum Habitar em 2017, consiste em um relato de pesquisa que também foi publicado na Revista Risco em 2018. Em 2020, outro relato da mesma pesquisa foi publicado como capítulo do livro Famílias e Políticas Sociais: Os desafios da intervenção social.

Abstract

We present the results of an investigation that analyzed how the spatial conformation of self-built housing by the low-income population reflects the ways of life and ways of living of its residents and self-builders. The investigation carried out in Viçosa – MG, in two neighborhoods characterized by precarious conditions of infrastructure and concentration of residents with socioeconomic restrictions and in conditions of social vulnerability. The field research took the form of case studies on self-built housing, using current methodological procedures in post-occupancy evaluation (POE): semi-structured interviews, walkthroughs, affective maps, architectural surveys and photographic records. We did not identify a spatial pattern in the houses; however, there are common aspects among the cases studied. We observed references to the rural way of life, the existence of hybrid lifestyles and ways of living, the realization of constant reforms and expansions, the development of productive activities and cohabitation on the land. We found that socioeconomic conditions strongly influences the values expressed in housing and that there are technical difficulties in the planning and construction processes of homes. We highlight the need for operationalization of public and free technical assistance for social housing (ATHIS) aiming at improvements in the conditions of self-built residential and urban environments.

Keywords: *Self-construction; Ways of life; Ways of living; Domestic space.*

INTRODUÇÃO

Em anos recentes observa-se que os estudos que têm tido protagonismo dentro da temática da habitação de interesse social (HIS) vêm discorrendo principalmente sobre temas como políticas públicas habitacionais, relações entre habitação e planejamento urbano e qualidade de projetos implementados (ABREU et al., 2015). A partir de 2009, após a criação do Programa Minha Casa Minha Vida (PMCMV) observou-se o desenvolvimento de pesquisas sobre os impactos da implantação de conjuntos habitacionais no tecido urbano (CARDOSO, 2013), os processos de autogestão habitacional (LAGO, 2012), a avaliação da qualidade ambiental em empreendimentos habitacionais (VILLA; ORNSTEIN, 2013), dentre outros.

Verifica-se que são poucas as abordagens que se aproximem da unidade habitacional e dos moradores no sentido de compreender seus modos de vida e refletir sobre sua influência no fazer arquitetônico. Nesse sentido, a pesquisa aqui apresentada, fruto de uma dissertação de mestrado acadêmico em Arquitetura e Urbanismo, realizou uma abordagem arquitetônica com aproximações sociológicas, visando identificar as aspirações, valores, imaginários e trajetórias habitacionais dos usuários, as quais, acredita-se, influenciam tanto na conformação do espaço doméstico quanto na satisfação dos moradores com a residência.

Sendo assim, o relato aqui apresentado reflete sobre as relações entre modos de vida e modos de habitar a partir do estudo de moradias autoconstruídas, localizadas nos bairros Nova Viçosa e Posses, na cidade de Viçosa, em Minas Gerais. A pesquisa procurou identificar o modo de vida dos moradores e a forma como concebem a moradia em termos espaciais, construtivos e simbólicos, além de descrever as tipologias habitacionais e mudanças realizadas ao longo do tempo na moradia. Buscou-se também compreender os limites entre a conformação do espaço doméstico como expressão do modo de vida e como única possibilidade econômica de acesso à moradia, isto visando contribuir para o processo de planejamento da HIS, no sentido de apontar soluções mais condizentes com as necessidades habitacionais da população estudada (SOUZA, 2017).

No Brasil, 77% da provisão habitacional é realizada através da autoconstrução não assistida (SILVESTRE; CARDOSO, 2013), processo pelo qual os construtores tomam suas próprias decisões projetuais e construtivas sem o auxílio de técnicos com formação no setor da construção civil, utilizando seus próprios recursos e mão-

de-obra própria ou contratada. Segundo Werna (2001) este é um modo de provisão informal da moradia, que ocorre principalmente em países em desenvolvimento pelas dificuldades que a população de baixa renda encontra para ter acesso à habitação projetada por profissionais e produzida através do setor formal da construção civil. Segundo o autor, esta situação ocorre como consequência da deficiência de desenvolvimento do capitalismo periférico em fornecer empregos no setor formal, bem como prover salários adequados para muitas parcelas da população urbana.

Não se pode ignorar, portanto, a expressividade da autoconstrução como forma de provisão da moradia no Brasil, mesmo diante de políticas voltadas para a construção de novas unidades, principalmente na modalidade de conjuntos habitacionais. Apesar dos aspectos econômicos, acredita-se que não se pode entender a autoconstrução residencial como resultado apenas de precariedade financeira. Segundo Nascimento (2011), a autoconstrução se vincula à maneira como práticas cotidianas e da realidade socioeconômica se estabelecem, em um processo carregado de valores que se manifestam no ambiente e que, somado ao processo de habitar, conferem às construções um real sentido de moradia. Como muitos autoconstrutores são os próprios moradores, acredita-se que a moradia autoconstruída expresse valores específicos acerca dos modos de vida da população.

Com o objetivo de se compreender o conceito de “modos de vida” recorreremos a disciplinas distintas, principalmente no campo das ciências sociais. As noções sobre o tema permeiam a Antropologia, a Geografia e a Sociologia, contudo, autores concordam que foi nesta última que o tema possuiu maior ênfase (LOBO, 1992; GUERRA, 1993; NABARRO, 2014). O Quadro 1 sintetiza as contribuições de diversas disciplinas para a compreensão do conceito.

Quadro 1 - Contribuições teóricas para a compreensão do conceito de modo de vida.

DISCIPLINA	CONTRIBUIÇÕES			
ANTROPOLOGIA CULTURAL	Cultura como modo de viver e de se conceber a existência. Estudos de representações e comunicação através de palavras ou imagens. Estudos sobre a cultura de sociedades tradicionais.			
GEOGRAFIA	Influência das condições naturais, como o clima, na evolução e variação dos modos de vida. Interações entre condições naturais e relações sociais. (La Blache)	Importância dos avanços tecnológicos em sociedades expostas a mudanças cada vez mais rápidas, modificando hábitos e padrões de consumo. (Sorre)		
GEOGRAFIA HUMANÍSTICA	Importância das percepções e experiências humanas para a compreensão do espaço vivido e da visão de mundo como mescla de influências culturais e do ambiente físico. Estilo de vida de um povo como a soma de atividades econômicas, sociais e ultraterrenas, como a evidência acumulada dos atos diários e do caráter das circunstâncias físicas onde ocorrem. (Tuan)			
SOCIOLOGIA	Padrões de vida, condições de habitação e formas de organização familiar. (Engels, Marx, relatórios biosociais do século XIX)	Importância da organização familiar. Modo de vida como consequência das atividades laborais, localização residencial, orçamento familiar e inserção social. (Le Play)	Distinções entre o modo de vida rural e urbano na modernidade, sendo cidade e campo unidades espaciais distintas, interligadas por práticas sociais remanescentes (Simmel, Wirth)	Formas de sociabilidade e a vida cotidiana. Conjuntos de práticas – vida familiar, práticas de trabalho, mudanças tecnológicas, padrões de consumo, atividades de lazer – e suas interações com as relações sociais mais gerais. (Sociologia francesa, década de 1970) Cotidianidade baseada nas relações dialéticas entre trabalho, família e lazer. (Lefebvre) Estilo de vida depende de fatores como escolaridade, ocupação profissional, capital cultural, classe social, religião, dentre outros. (Bourdieu)
	<p>Articulação entre subjetivo e objetivo nas práticas sociais: imaginários, racionalidades, identidades e projetos. (Guerra)</p> <ul style="list-style-type: none"> - Imaginários: Aspiração de potencialidades futuras, desejos, possibilidades de realização. - Racionalidades: Consciência dos atores na condução de seus destinos, deriva das circunstâncias ou fatos e das emoções que os acompanham. - Identidades: Identidade individual – sentimentos, representações, conhecimentos, lembranças e projetos que o indivíduo possui de si e sobre si mesmo. Identidade social – relacionada com o contexto, o pertencimento a um grupo ou categoria social. - Projetos: Estratégias de vida em torno de objetivos estabelecidos, percebidos nas trajetórias de vida, onde a dimensão temporal (ciclo de vida) se torna essencial. 			

MODO DE VIDA:

Modo como as pessoas vivem baseado no conjunto de experiências de vida e trajetórias sociais que conformam suas percepções e visões de mundo, portanto influenciado por fatores internos e externos. É expresso através de práticas cotidianas e se realiza em dimensões materiais e imateriais.

Fonte: Elaborado pelos autores.

A partir da revisão teórica e em busca de um conceito operacional a pesquisa, compreendeu-se os modos de vida como a maneira como as pessoas vivem, influenciada por fatores externos e internos ao indivíduo. Os modos de vida estariam baseados no conjunto de experiências que conformam as visões de mundo das pessoas (identidade individual e social), influenciados pela vida familiar (trajetória e composição familiar) e pelas práticas sociais (práticas de trabalho e padrões econômicos). Tendo em vista o estudo do ambiente doméstico, observou-se que

estas dimensões se revelam nos modos de habitar das pessoas, seja na conformação dos espaços ou de seus elementos constituintes.

Os modos de habitar foram compreendidos dentro de uma discussão fenomenológica sobre o sentido do habitar, relacionado a aspectos psicológicos, a sentimentos de pertencimento e segurança emocional. De acordo com Elali e Pinheiro (2013), os estudos da Psicologia Ambiental contribuem para o entendimento do significado do habitar quanto a aspectos culturais, temporais e as relações afetivas de uso e apropriação do espaço. Segundo Pereira (2012), os modos de habitar podem ser compreendidos pelas relações práticas e simbólicas estabelecidas entre as pessoas e suas casas, analisadas através do tempo de permanência nas mesmas, no apego que desperta nos moradores e nas práticas ali desenvolvidas. Sendo assim, compreendeu-se os modos de habitar a partir de três dimensões principais, sejam elas, prática (uso dos espaços), simbólica (apropriação, demarcação territorial e privacidade) e temporal (mudanças de uso, reformas e ampliações).

METODOLOGIA

Os objetivos do estudo conferiram à pesquisa um caráter descritivo com conexões com a pesquisa exploratória. A pesquisa assumiu a forma de estudos de caso, realizados no período de agosto a dezembro de 2015. Foram selecionadas residências autoconstruídas a partir de dados existentes no acervo documental do Projeto HABITAT – Consultório Móvel de Arquitetura², projeto de extensão universitária desenvolvido na Universidade Federal de Viçosa (UFV) através do Departamento de Arquitetura e Urbanismo (DAU) , no período de 2004 a 2014, tendo suas atividades desenvolvidas principalmente nos bairros Nova Viçosa e Posses, em Viçosa – MG. Estes bairros são caracterizados pela baixa densidade de ocupação do solo, por condições precárias de infraestrutura e pela concentração de uma população com restrições socioeconômicas e vulnerabilidade social. Desde o início de sua ocupação, no final da década de 1970, a forma de provisão habitacional vem sendo realizada majoritariamente por meio da autoconstrução

² O Projeto HABITAT – Consultório Móvel de Arquitetura teve como objetivo oferecer assistência técnica gratuita para o projeto de habitação para famílias que não possuíssem recursos financeiros para contratar serviços técnicos no mercado formal, nem como arcar com as despesas de aprovação dos projetos junto aos órgãos competentes. (CARVALHO et. al., 2013)

incremental, com práticas à margem da legislação urbanística e seguindo orientações de moradores e construtores locais (CARVALHO et al., 2013).

Nos estudos de caso foram utilizados métodos de coleta de dados comuns em pesquisas qualitativas e em Avaliações Pós-Ocupação do Ambiente Construído (APO), principalmente de caráter funcional e comportamental. Sendo assim, foram realizadas entrevistas semiestruturadas, seguidas de *walkthroughs* (“passeios acompanhados”) nas residências e mapas afetivos. Além disso, foram feitos levantamentos arquitetônicos e registros fotográficos, bem como observação direta durante as visitas, sendo os dados registrados em diários de campo. Uma síntese da metodologia proposta, de acordo com as categorias de análise, dimensões, variáveis e indicadores é apresentada no Quadro 2.

Quadro 2 - Operacionalização das categorias de análise.

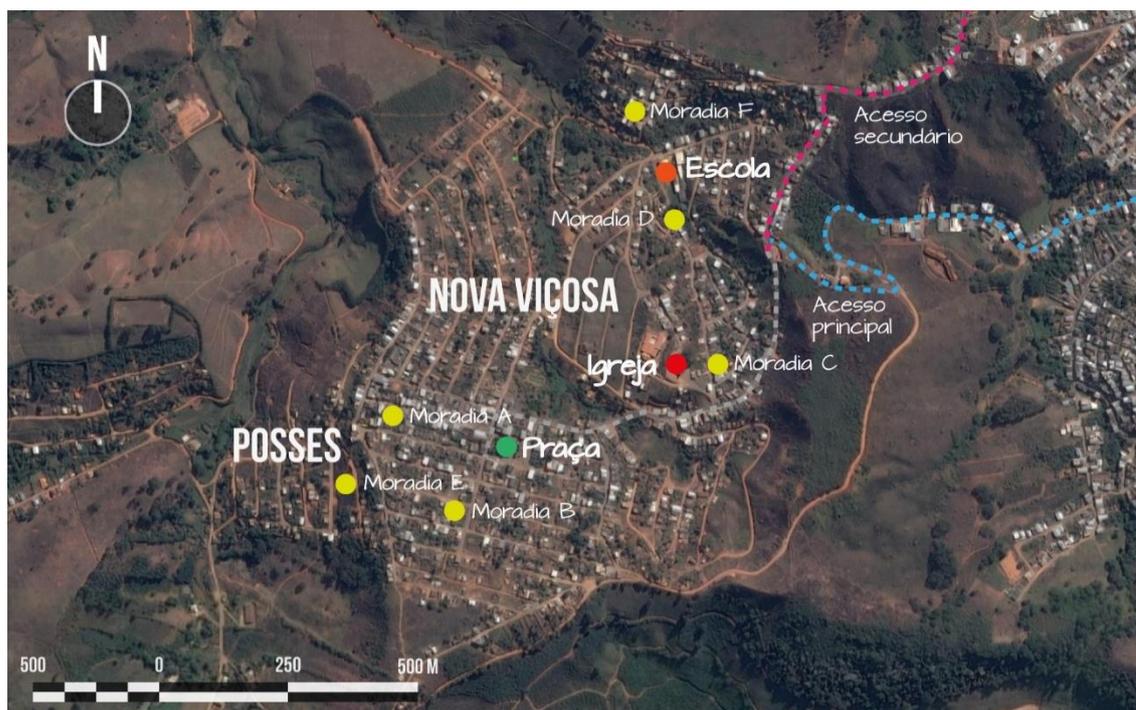
CATEGORIA	DIMENSÕES	VARIÁVEIS	INDICADORES	MÉTODOS
MODOS DE VIDA	Vida familiar	Composição familiar	Número de moradores; número de filhos; coabitação familiar;	Entrevista
		Trajectoria familiar	Origem (rural, urbana); ciclo de vida familiar; trajetória habitacional; escolaridade; projeto de vida (alcançado e expectativas);	
	Práticas sociais	Padrões econômicos	Renda do chefe de família; renda média familiar; origem da família;	
		Práticas de trabalho	Profissão; ocupação;	
	Visão de mundo	Identidade individual	Interesses; gostos; sentimentos; representações (imaginário);	
		Identidade social	Pertencimento a um grupo/categoria social; religião;	
MODOS DE HABITAR	Dimensão prática	Uso	Funções; sobreposição de usos; tempo de permanência; equipamentos; mobiliário;	Entrevista
	Dimensão simbólica	Apropriação do espaço	Personalização e humanização; marcas deixadas no espaço; objetos; disposição de objetos; materiais; texturas; cores; formas;	Passeio Acompanhado
		Demarcação territorial (público/ privado)	Hierarquia dos ambientes; disposição dos ambientes; setorização;	Mapa Afetivo
		Privacidade	Muros; cercas; fechamentos fixos ou móveis;	Observação direta
	Dimensão temporal	Temporalidade (relação espaço-tempo)	Mudanças de uso; reformas; ampliações; novas edificações no mesmo lote; expectativas em relação a casa;	
CONFORMAÇÃO DO ESPAÇO DOMÉSTICO	Terreno	Relação com a malha urbana	Acessos; relação casa/rua; jardins; muros; quintais;	Entrevistas Observação direta Levantamento arquitetônico
		Implantação	Dimensões do terreno; afastamentos;	
		Topografia	Desníveis; acessos;	
	Moradia	Histórico	Construtores; tempo de residência; reformas; ampliações;	
		Estética	Cores; materiais de acabamento; vãos; esquadrias; cobertura; vegetação;	
		Características construtivas	Material de construção; acabamentos;	
		Arranjo funcional	Relação, disposição e dimensões dos compartimentos; relação e disposição de mobiliário e equipamentos; circulação entre cômodos;	
Relação interior / exterior	Relação casa/rua; relação casa/quintal ou jardim;			

Fonte: Elaborado pelos autores.

RESULTADOS

A pesquisa de campo foi realizada em seis moradias, cinco delas localizadas no bairro Nova Viçosa e uma situada em Posses (Figura 1). As moradias foram identificadas em ordem alfabética, em uma sequência temporal crescente de acordo com o período em que ocorreu o atendimento pelo Projeto HABITAT, seguida de uma denominação relativa ao significado atribuído à residência. Os principais achados são elencados a seguir, de acordo com as três categorias de análise relacionadas ao objetivo do trabalho: Modos de vida, modos de habitar e conformação do espaço doméstico.

Figura 1 - Acessos aos bairros, principais pontos de referência e localização das moradias.



Fonte: Modificado pelos autores a partir de Google Maps.

O número de residentes nas moradias estudadas alternou entre duas a oito pessoas, sendo os arranjos familiares característicos de casais com ou sem filhos residentes no local. A origem de metade dos moradores consiste em áreas rurais de municípios próximos à Viçosa, os que possuem origem urbana residiram em outros bairros do próprio município. Verificou-se o baixo nível de escolaridade entre os moradores mais antigos e maior incidência de acesso e conclusão dos estudos nas gerações mais novas. As condições de emprego são informais, caracterizadas principalmente pela atuação no setor de serviços, sendo encontrados casos de desemprego e recebimento recursos, como aposentadoria e pensão; identificou-se a realização de atividades produtivas como fonte de renda principal ou complementação da mesma em três casos.

A trajetória habitacional da maioria das famílias consistiu na passagem por moradias alugadas ou cedidas, sendo que em três casos as moradias anteriores apresentavam condições de precariedade construtiva. No caso da Moradia D, a habitação rural foi lembrada pela precariedade e insegurança de posse, sendo dependente da concessão do proprietário das terras em que a família trabalhava; na Moradia E, o histórico de despejos foi particularmente traumático para a família, refletindo-se na decisão de autoconstruir a casa própria.

Em relação às práticas sociais, destaca-se o investimento e dedicação à realização de atividades produtivas em três residências. Chamaram atenção as atividades realizadas por adolescentes em duas moradias, utilizando grande parte do tempo livre para o lazer no interior da residência por meio de aparelhos eletrônicos. Em relação à visão de mundo, destacam-se as referências rurais, o apego à religião e a representação da casa como provisão divina. O desejo pela conclusão da construção da residência se apresenta, na maioria dos casos, como um projeto de vida em que se empenham tempo e recursos. Aspectos relativos aos modos de vida são sintetizados na Tabela 1.

Tabela 1 – Síntese de informações relativas aos Modos de Vida.

MORADIA / VARIÁVEIS	MORADIA A	MORADIA B	MORADIA C	MORADIA D	MORADIA E	MORADIA F
						
REPRESENTAÇÃO	Cultura do trabalho	Abrigo	Um santuário	Empreendimento habitacional	Segurança em meio ao conflito	A bênção
COMPOSIÇÃO FAMILIAR	Casal e seis filhos	Casal e dois filhos	Mãe e filho + Famílias de filhos	Casal	Casal e três filhos	Casal e irmão da esposa
NÚMERO DE MORADORES	8	4	2 + 7	2	5	3
ORIGEM FAMILIAR	Urbana	Urbana	Rural	Rural	Urbana	Rural
ESCOLARIDADE	<i>Casal:</i> Ensino Fundamental (E.F.) incompleto. <i>Filhos maiores:</i> Ensino Médio (E.M.) completo <i>Filhos menores:</i> Cursam E.F.	<i>Esposa:</i> E. F. completo. <i>Esposo:</i> 3ª série <i>Filho mais velho:</i> E.F. incompleto. <i>Filho mais novo:</i> Cursa E.F.	Não tiveram acesso à escola.	<i>Esposa:</i> E.F. completo <i>Esposo:</i> 2ª série	<i>Casal:</i> E.F. incompleto. <i>Filhos:</i> Cursam E.F.	<i>Esposa:</i> E.F. completo. <i>Esposo:</i> EF incompleto. <i>Irmão da esposa:</i> Não teve acesso à escola.
PROFISSÃO / OCUPAÇÃO	<i>Esposo:</i> Garçom, realiza atividade produtiva na residência. <i>Esposa:</i> Dona de casa. <i>Filhos maiores:</i> Trabalham em comércio.	<i>Casal:</i> Lavradores, desempregados. <i>Filho mais velho:</i> Trabalha em comércio.	<i>Mãe:</i> Aposentada, trabalhou como lavradora. <i>Filho:</i> Pensionista (pessoa com deficiência intelectual).	<i>Esposa:</i> Aposentada, trabalhou como auxiliar escolar. <i>Esposo:</i> Lavrador, experiência como servente de pedreiro.	<i>Esposo:</i> Pintor em construção civil. <i>Esposa:</i> Do lar, auxilia o marido no trabalho, realiza atividade produtiva na residência.	<i>Esposa:</i> Faxineira, auxiliar escolar. <i>Esposo:</i> Vigia. <i>Irmão da esposa:</i> Pensionista (pessoa com deficiência intelectual).
RENDA MÉDIA MENSAL	2 salários mínimos (SM)	Inferior à 1 SM	Não informada (aposentadoria e pensão)	4 SM	Inferior à 2 SM	3,5 SM
TRAJETÓRIA HABITACIONAL	Moradias alugadas em Viçosa.	Moradias cedidas por parentes e entidades, precariedade habitacional.	Moradias alugadas/cedidas por patrões.	Moradias cedidas por patrões, precariedade habitacional.	Moradias alugadas, precariedade habitacional, histórico de despejos.	Coabitação com familiares no meio rural.
PRÁTICAS SOCIAIS	Atividade produtiva na residência; filhos passam grande parte do tempo utilizando aparelhos eletrônicos.	Atividades religiosas e tarefas domésticas; filhos passam grande parte do tempo utilizando aparelhos eletrônicos.	Atividades religiosas, tarefas domésticas e cuidado com o filho.	Atividade produtiva no terreno, constantes investimentos na construção.	Atividade produtiva na residência, promoção de atividades sociais em torno da família.	Atividades de suporte familiar, cuidado com netos e familiar residente.
VISÃO DE MUNDO	Sustento familiar por meio do trabalho em negócio próprio.	Esperam assistência para melhorar as condições de vida.	Apego à religião, referências ao modo de vida rural.	Constituição de patrimônio familiar e concretização do projeto de vida na casa.	Não abrir mão da casa mesmo em situação de conflito familiar.	Suporte e cuidado com familiares; concretização do projeto de vida na casa.

Fonte 1 - Elaborada pelos autores.

Todas as famílias possuem mais de dez anos de residência nas moradias estudadas sendo que, no caso da Moradia D, a família é representante dos primeiros

moradores a se mudarem para Nova Viçosa, tendo acompanhado a formação do bairro. Observou-se a ocorrência de coabitação nos terrenos (exceto na Moradia E), partilhados entre duas ou mais famílias de filhos dos moradores ou de parentes próximos.

Quanto à dimensão prática relativa aos modos de habitar, especificamente ao uso dos espaços, observou-se a presença de cômodos sem função definida e a sobreposição de atividades em determinados cômodos, além de serem característicos os usos incoerentes com sua funcionalidade, como realização de atividades de higiene pessoal na cozinha, preparo de alimentos ocorrendo na área de serviços e refeições realizadas na sala, quartos e em local de trabalho. Em vez das salas, observou-se que as cozinhas são utilizadas como área de convívio social e recepção de visitas. Quartos e salas de estar são utilizados para lazer principalmente por filhos adolescentes em atividades como ver televisão e jogos de vídeo game, entre os moradores idosos se tem o costume de ouvir o rádio. Constatou-se uma valorização dos quartos pela referência ao tempo de permanência dos membros da família e registros nos mapas afetivos, sendo utilizados como locais de repouso e lazer.

O preparo de refeições é realizado nas cozinhas, bem como em varandas e quintais onde se localizam os fogões a lenha, presentes em cinco moradias. A maioria das cozinhas se encontra implantada na parte posterior das construções, onde ocorre uma continuidade de uso destes espaços junto às varandas e aos quintais. Estes permitem o plantio de elementos para a subsistência familiar, o desenvolvimento de atividades produtivas e estocagem de materiais. Particularmente em Nova Viçosa e Posses, a baixa densidade de ocupação dos lotes gerou vazios urbanos, por não serem ocupados ou reivindicados pelos proprietários os lotes acabaram sendo apropriados por famílias residentes que promoveram a construção de cercas e manutenção dos mesmos, utilizando-os como quintais (Moradias A, B e D).

Há uma valorização das atividades produtivas realizadas nas residências, tanto no interior quanto na parte externa. No caso da Moradia A, o morador construiu um espaço amplo e anexo à residência para o desenvolvimento de negócio próprio – o “buffet”, na Moradia E a moradora utiliza constantemente a cozinha para o preparo de artigos alimentícios para venda, já na moradia D um terreno contíguo foi

adquirido pela família, sendo utilizado para o cultivo de mudas de café pelo morador, que trabalha como lavrador em terras arrendadas.

Em relação ao mobiliário presente nas residências, em algumas moradias as condições de conservação dos móveis são precárias, havendo uma constante improvisação e reaproveitamento de material de refugo para repará-los, demonstrando a situação de indisponibilidade financeira dos moradores. Contudo, em relação aos equipamentos eletrônicos e eletrodomésticos, paradoxalmente verificou-se a presença de equipamentos de última geração, como TVs de tela plana e vídeo games, utilizados principalmente por moradores adolescentes e jovens, em contraste com as condições construtivas precárias da residência e do mobiliário (Moradias A e B).

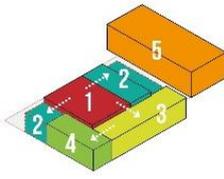
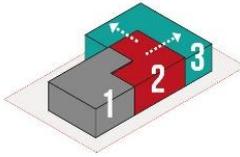
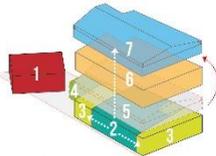
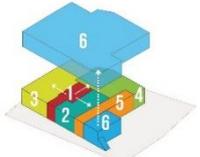
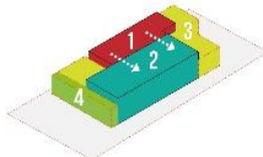
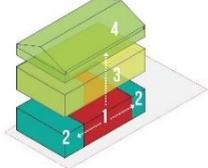
Quanto aos aspectos simbólicos, observou-se que a territorialidade está muito presente em residências onde há adolescentes, ocorrendo principalmente nos quartos. A demarcação de limites entre público e privado é uma constante em todas as moradias, pela presença de muros ou cercas, sendo forte a preocupação com a segurança pessoal e patrimonial. A apropriação do espaço se dá pela afetividade referida a alguns ambientes e pela presença de objetos funcionais ou simbólicos, principalmente nas moradias mais antigas. No caso da Moradia C, notam-se referências rurais por objetos utilizados no campo e trazidos para a nova residência, além de objetos de devoção presentes na varanda e na sala de estar, que reforçam a representação que a moradora possui da casa como “santuário”.

Destaca-se a importância da dimensão temporal (Tabela 2), percebida principalmente pelas ampliações realizadas nas moradias, em elevado número na maioria dos casos. As primeiras ampliações são feitas horizontalmente, sendo posteriormente realizadas no sentido vertical, quando a estrutura da construção permite ou foi prevista para este fim. Dos três casos em que houve ampliação vertical, dois deles possuem terraços cobertos com estrutura e telhas metálicas. A construção inicial de algumas moradias foi referida pelos moradores como “barraquinho”, denotando sua provisoriedade como condição para se satisfazer as primeiras necessidades habitacionais de abrigo e segurança.

Nos diálogos com os moradores, constatou-se que as obras foram influenciadas pelo conhecimento técnico dos pedreiros ou de moradores que possuíam experiência em construção civil. Em alguns casos em que houve envolvimento do

Projeto HABITAT, o planejamento e as orientações técnicas foram levadas em consideração. As motivações relatadas para as ampliações e reformas se davam principalmente pela necessidade de quartos para os filhos, pois, em alguns casos, os quartos antigos eram compartilhados por toda a família ou por vários filhos. Nos casos em que houve ampliação vertical, esta foi relatada como forma de solucionar problemas com infiltrações, através da construção de lajes de concreto armado, além de possibilitar o aumento de área útil ou construção de novas unidades habitacionais.

Tabela 2 - Modos de Habitar: Dimensão temporal.

VARIÁVEIS / MORADIA	AMPLIAÇÕES	ETAPAS DE CONSTRUÇÃO	FATORES DE INFLUÊNCIA DA CONSTRUÇÃO OU AMPLIAÇÃO	MOTIVAÇÃO PARA AMPLIAÇÕES
MORADIA A		Casa doada + 1 quarto, cozinha, varanda frontal e varanda posterior + Buffet + Ampliação do buffet	Projeto de ampliação (Projeto Habitat), conhecimento técnico do morador/construtor, construção em terreno vizinho	Número de filhos, atividade produtiva em casa
MORADIA B		"Barraquinho" + Quarto na casa existente + Quarto/sala/cozinha, banheiro + Quarto de casal, sala/cozinha, área de serviço/cozinha	Conhecimento técnico do morador/construtor	Separação do quarto da cozinha, quarto para os filhos, aproveitar o material doado pela prefeitura
MORADIA C		"Barraquinho" + 3 quartos, sala, cozinha, copa, banheiro + Varanda frontal, garagem, varanda posterior + Terraço + Moradia no 1º pavimento + Terraço	Conhecimento técnico dos pedreiros	Construção de área de serviço coberta e fogão a lenha, solucionar o problema de infiltração na laje, moradia para família de um dos filhos
MORADIA D		"Barraquinho" + Cozinha/quarto e banheiro + Quarto, sala + Cozinha, banheiro, 2 quartos, varanda + Cômodos para aluguel + 2 moradias no 1º pavimento	Conhecimento técnico do morador/construtor, projeto de ampliação (Projeto Habitat)	Cômodos amplos, obter renda através de aluguel, solucionar problemas de infiltração na laje, herança para os filhos, mudança para o primeiro pavimento
MORADIA E		Cozinha, sala/quarto, banheiro + 2 quartos, sala, cozinha, banheiro + Varanda posterior	Influência do pedreiro, projeto de ampliação (Projeto Habitat)	Quartos para os filhos
MORADIA F		3 quartos, sala, cozinha, banheiro + Depósito, área de serviço, banheiro + Moradia no 1º pavimento + Terraço	Conhecimento técnico dos pedreiros	Ampliar o quarto do casal, construção da área de serviço externa, solucionar problemas de infiltração na laje, herança para os filhos, mudança para o primeiro pavimento

Fonte: Elaborada pelos autores.

Em relação às características físicas das moradias, a configuração dos terrenos influencia na conformação espacial das residências, geralmente dispostas em

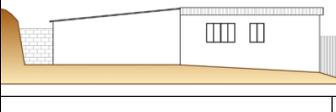
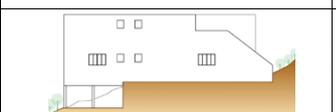
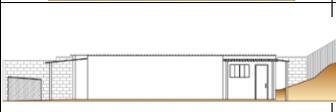
sentido longitudinal, com a presença de cômodos de serviços voltados para os fundos e cômodos de uso social ou íntimo voltados para a frente do lote. Os fundos dos lotes geralmente conformam os quintais onde ocorrem cultivo de hortas, atividades de lazer e armazenagem de utensílios. Embora a maioria das casas possuam afastamentos laterais, em alguns casos observou-se a construção sobre as divisas, certas vezes sugerida pelos próprios pedreiros para aumentar a área útil; uma das moradias chega a invadir um terreno vizinho, utilizando-o para sua expansão.

Notou-se a presença de casas térreas, casas com mais de um andar e com terraços cobertos, característica que se repete pela paisagem dos bairros Nova Viçosa e Posses. Todas as residências passaram por alguma reforma ou ampliação, sendo os materiais de construção mais comuns o concreto armado, alvenaria de bloco cerâmico ou bloco de concreto, telhas de fibrocimento sobre estrutura de madeira ou telhas de alumínio sobre estrutura metálica. Estes materiais são adquiridos principalmente por sua viabilidade econômica, mas refletem também um modo de construir típico da classe média, no que se refere aos materiais e técnicas construtivas empregadas. Em algumas residências, material de refugo foi utilizado como material de construção, como na vedação de cômodos ampliados ou para demarcação de limites nos terrenos; em alguns casos, tanto materiais de construção quanto de refugo foram obtidos através de doações ou trocas com pessoas conhecidas.

Constatou-se a característica inacabada das construções, seja por obras interrompidas ou pela ausência de materiais de acabamento, principalmente reboco e pintura. Além disso, é recorrente a ausência de portas e janelas, de maneira que os moradores fazem uso de tecidos ou material de refugo para fechamento das aberturas. Em relação aos materiais de acabamento, observou-se que determinadas superfícies possuem acabamentos e outras não, ou apenas um cômodo da residência possui acabamentos nas paredes, por exemplo, reforçando a importância da dimensão temporal no processo de construção e apropriação espacial.

Tabela 3 - Características da conformação do espaço doméstico.

VARIÁVEIS / MORADIA	PERFIL ESQUEMÁTICO DA CONSTRUÇÃO	RELEVO	ÁREA DO TERRENO	ÁREA CONSTRUÍDA	PAVIMENTOS	RELAÇÃO DE CÔMODOS
---------------------	----------------------------------	--------	-----------------	-----------------	------------	--------------------

MORADIA A		Declive pouco acentuado em relação à rua	204 m ²	118,20 m ²	1	3 quartos, sala, cozinha, banheiro, buffet, varanda frontal, varanda posterior
MORADIA B		Declive pouco acentuado em relação à rua	194,58 m ²	65,08 m ²	1	2 quartos, sala, banheiro, sala/cozinha, área de serviços/cozinha
MORADIA C		Declive pouco acentuado em relação à rua	208,21 m ²	375,04 m ²	2 + Terraço	3 quartos, sala, 3 banheiros, copa, cozinha, área de serviços, varanda frontal, varanda posterior, garagem, terraço
MORADIA D		Declive em relação à rua	441,17 m ²	399,48 m ²	2	2 quartos, 2 salas/quarto, 2 banheiros, cozinha, varanda posterior, lavanderia, garagem
MORADIA E		Declive pouco acentuado em relação à rua	221,56 m ²	100,03 m ²	1	3 quartos, sala, cozinha, 2 banheiros, varanda posterior, varanda frontal.
MORADIA F		Declive pouco acentuado em relação à rua	29,53 m ²	283,04 m ²	2 + Terraço	3 quartos, quarto/sala, 3 banheiros, cozinha, área de serviços, lavanderia, terraço

Fonte: Elaborada pelos autores.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa aqui apresentada contribui para o estudo de espaços domésticos autoconstruídos pela população de baixa renda e nota-se que certas descobertas realizadas levam à reflexão sobre o fazer arquitetônico em HIS. O desenvolvimento de atividades produtivas nas residências pode ser considerado como variável para se repensar o projeto da moradia, uma vez que contribui para a superação de restrições econômicas. Nesse sentido, se torna interessante que o projeto arquitetônico de HIS forneça espaços ou possibilidade de flexibilização ou ampliação de cômodos para o desenvolvimento de atividades produtivas ou de serviços.

Ainda com relação às questões econômicas, as análises apontam a arquitetura popular como uma manifestação híbrida do vernáculo (MONIOS; OLIVEIRA, 2013), denotando modos de vida e modos de habitar híbridos entre os entrevistados. Aspectos tradicionais se mesclam com a modernidade e revelam questões contrastantes com a indisponibilidade financeira dos moradores, como ao se observar a presença de equipamentos eletrônicos de última geração convivendo com a precariedade construtiva e com situações de vulnerabilidade social. Isto demonstra um sistema de valores presente no modo de vida de algumas famílias,

que preferem utilizar recursos para adquirir equipamentos modernos a realizar melhorias que promoveriam maior salubridade nas residências, por exemplo.

Identificou-se a representação da casa como um projeto de vida, como desejo de superação de uma trajetória habitacional precária e como constituição de um patrimônio familiar e suporte econômico e social para os descendentes. Estas representações se materializam na prática da construção incremental, em que o fator temporal é relevante. Acredita-se que o projeto participativo e o processo de construção incremental devem ser incorporados ao projeto arquitetônico, permitindo que a casa seja ampliada de acordo com o desenvolvimento econômico da família e proporcionando melhor apropriação do espaço residencial e satisfação com a moradia. Além disso, diversas dificuldades das obras poderiam ser sanadas com orientação técnica e planejamento mais minucioso das etapas construtivas. Nesse sentido, a assessoria técnica mediante a viabilização e operacionalização da Lei Federal 11.888/08 auxiliará as famílias no seu planejamento para o alcance mais eficaz da satisfação residencial.

Espera-se que as reflexões realizadas tragam luz ao debate sobre a autoconstrução e as formas de provisão habitacional nas cidades brasileiras. Longe de se esgotar a investigação sobre o tema, aponta-se a necessidade de pesquisas explorando contextos distintos, uma vez que grande parte da população brasileira tem na autoconstrução a principal forma de acesso à moradia, não se restringindo apenas à população com menor faixa de renda.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de Minas Gerais – FAPEMIG, pelo financiamento parcial da pesquisa no período de agosto de 2014 a março de 2015.

REFERÊNCIAS

ABREU, M. G.; METELLO, H. S., YUBA, A. N. Habitação de interesse social no Brasil: caracterização da produção acadêmica dos programas de pós-graduação de 2006 a 2010. **Arquitextos**, São Paulo, ano 15, n.178.03, Vitruvius, mar. 2015. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/15.178/5495>>.

CARDOSO, A. L. (Org.) **O Programa Minha Casa Minha Vida e seus efeitos territoriais**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2013.

CARVALHO, A. W. B. et al. A assistência técnica gratuita para o projeto de habitação de interesse social: Uma Experiência de Aproximação Entre Pesquisa, Ensino e Extensão. In: **VI Projetar**, 2013, Anais...Salvador: UFBA, 2013.

GUERRA, I. Modos de vida: novos percursos e novos conceitos. **Sociologia – Problemas e Práticas**, Lisboa, n.13, p. 59-74, 1993.

LAGO, L. C. (Org.) **Autogestão habitacional no Brasil: utopias e contradições**. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2012.

LOBO, E. S. **Caminhos da sociologia no Brasil: modos de vida e experiência**. Tempo social. São Paulo, USP, n.4 (1-2), p.7-15, 1992.

NABARRO, S. A. **Modo de vida e campesinato no capitalismo: contribuições, limites e a construção de um entendimento do campesinato como modo de vida**. 2014. Tese (Doutorado em Geografia Humana) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

NASCIMENTO, D. M. A autoconstrução na produção do espaço urbano. In: MENDONÇA, J. G.; COSTA, H. S. M. (orgs) **Estado e capital imobiliário: convergências atuais na produção do espaço urbano brasileiro**. Belo Horizonte: Ed. C/Arte, 2011, p. 217-230.

MONIOS, J. M.; OLIVEIRA, A. M. V. Arquitetura vernácula e popular em Goiânia. In: KNEIB, E. C. (Org.) **Projeto e cidade: ensaios acadêmicos**. Goiânia: Funape, p.271-288, 2013.

PEREIRA, S. M. **Casa e mudança social: uma leitura das transformações da sociedade portuguesa através da casa**. Lisboa: Caleidoscópio, 2012.

SOUZA, M. F. **Modos de vida e modos de habitar em moradias autoconstruídas: um estudo nos bairros Nova Viçosa e Posses, em Viçosa – MG**. 2017. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo) – UFV, Viçosa, 2017.

SILVESTRE, M. G.; CARDOSO, L. R. A. Assistência técnica para melhoria habitacional. **Arquitextos**, São Paulo, ano 14, n. 157.00, Vitruvius, jun. 2013. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/14.157/4803>>. Acesso em: 25 set. 2013.

VILLA, S. B., ORNSTEIN, S. W. **Qualidade ambiental na habitação: avaliação pós-ocupação**. São Paulo: Oficina de textos, 2013.

WERNA, E. **Pluralismo na habitação**. São Paulo: Annablume, 2001.